

O GLOBO SURPREENDIDO: BRIZOLA GOVERNADOR – CAMPANHA E ELEIÇÃO DE LEONEL BRIZOLA AO GOVERNO DO RIO DE JANEIRO EM 1982¹

THE SURPRISE OF O “GLOBO”: BRIZOLA GOVERNOR - CAMPAIGN AND ELECTION OF LEONEL BRIZOLA TO THE GOVERNMENT OF RIO DE JANEIRO IN 1982

Marcelo Marcon²

Resumo: Leonel Brizola retornou do exílio imposto pelo golpe militar de 1964 no ano de 1979, por ocasião da Lei da Anistia Política, no processo de abertura política do regime civil-militar. Já no Brasil, procurou refundar o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), porém, o domínio da sigla foi concedido, pelo Tribunal Superior Eleitoral, à Ivete Vargas, obrigando Brizola a criar um novo partido, o Partido Democrático Trabalhista (PDT). Após a criação do partido, Brizola se empenhou em eleger-se governador pelo Rio de Janeiro, seu novo território político. Nessa pesquisa, utilizamos como fonte o jornal *O Globo*, que se torna também objeto de estudo. Buscamos compreender a forma como o jornal criou seu discurso, analisado de acordo com a metodologia proposta pelo especialista em análise de discurso Patrick Charaudeau.

Palavras-chave: Imprensa. Leonel Brizola. O Globo. Partido Democrático Trabalhista. Trabalhismo.

Abstract: Leonel Brizola returned from exile imposed by the military coup of 1964 in the year of 1979, for occasion of the law of “Anistia Política” in the opening of the background policy of the military regime. In Brasil, sought to recreate the “Partido Trabalhista Brasileiro” (PTB), however, the Electoral Tribunal decided to deliver the acronym to Ivete Vargas, forcing Brizola to create a new party, the Partido Democrático Trabalhista (PDT). After the creation of the party, Brizola made an effort to elect himself as governor for Rio de Janeiro, his new political territory. In this research, we used as source the newspaper *O Globo*, which also becomes object of study. We sought to understand the way that the newspaper created its discourse, analyzed according to the methodology proposed by speech analysis specialist Patrick Charaudeau.

Keywords: Media. Leonel Brizola. O Globo. Partido Democrático Trabalhista. Labourism.

Introdução

Com o golpe civil-militar de 1964, Leonel de Moura Brizola³ teve que se exilar no Uruguai, permanecendo até 1977, quando foi expulso pelo governo uruguaio em uma

¹Esse artigo é resultado de parte de minha dissertação de mestrado intitulado “Deu no *O Globo*: Leonel Brizola e a criação do Partido Democrático Trabalhista (1979-1982)”. A pesquisa obteve financiamento da Fundação Universidade de Passo Fundo.

² Doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo (Bolsista Proscap Capes Modalidade II). Mestre e Licenciado em História pela Universidade de Passo Fundo. Atua nos seguintes temas: História do Brasil; História Política; História dos Partidos Políticos; História e Imprensa; Trabalhismo; Brizolismo. Professor de História na FAT – Faculdade e Escola.

³ Leonel de Moura Brizola nasceu no dia 22 de janeiro de 1922, no povoado de Cruzinha, que na época pertencia ao município de Passo Fundo, tornando-se pertencente a Carazinho por ocasião de sua emancipação, em 1931. Filho de José de Oliveira Brizola e de Onívia de Moura Brizola, pequenos lavradores, perdeu o pai no ano seguinte ao seu nascimento, que morreu na Revolução Federalista, em 1923, a serviço dos maragatos (grupo ligado a Assis Brasil). Formou-se em 1949 em Engenharia Civil pela Universidade do Rio Grande do Sul, sendo nessa época que ele ingressou na política. Buscando algo diferente dos partidos tradicionais e longe do PCB, passou a militar pelo recém-criado Partido dos Trabalhadores, o PTB, elegendo-se deputado estadual em 1947. Durante a década de 1950, Brizola tornou-se uma das principais lideranças trabalhistas do estado. Brizola reelegeu-se deputado estadual em 1950, sendo líder da bancada e depois nomeado secretário de Obras no Rio Grande do Sul. Em 1954, ele elegeu-se deputado federal, e em 1955, prefeito de Porto Alegre, cargo que exerceu até 1958, quando venceu a eleição para o governo do estado. A projeção nacional de Leonel Brizola ocorreu em 1961, com a Legalidade, movimento que defendeu a posse de João Goulart na presidência da República, quando da renúncia de Jânio Quadros. Em 1964, por ocasião do golpe militar e ditadura imposta teve de se exilar,

manobra do então presidente brasileiro Ernesto Geisel. Do Uruguai, Brizola partiu para os Estados Unidos, e depois, para Portugal onde, em junho de 1979, no Encontro de Lisboa, montou as bases para um novo partido trabalhista.

Ao retornar ao Brasil em setembro de 1979, por ocasião da Lei da Anistia Política, Brizola buscou recriar o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), mas em 1980 iniciou uma disputa judicial pelo domínio da sigla com Ivete Vargas, sobrinha-neta do ex-presidente Getúlio Vargas. Em maio daquele ano, o Tribunal Superior Eleitoral, em uma manobra do general Golbery Couto e Silva, concedeu à Ivete Vargas a posse da legenda.

Brizola criou, então, o Partido Democrático Trabalhista (PDT), cujo manifesto de criação baseava-se na Carta de Lisboa, documento oficial do Encontro de Lisboa, e na carta-testamento de Getúlio Vargas. Ao retornar, Brizola fixou residência no Rio de Janeiro, seu novo território político, e passou a estruturar seu novo projeto: tornar-se governador do estado carioca nas eleições de 1982.

O ex-governador do Rio Grande do Sul iniciou o pleito em quarto lugar nas pesquisas e, após uma intensificação de discurso contra seus adversários, assumiu o primeiro lugar nas pesquisas, vindo a se eleger governador do Rio de Janeiro. A trajetória de Brizola nas eleições para governador através das páginas do jornal O Globo⁴ é o tema central do texto que segue.

O periódico, em seu noticiário político, mostrou-se contrário ao candidato Brizola, utilizando-se de estratégias de desqualificação com objetivos políticos. Na primeira parte, demonstra-se como o jornal utilizou-se da estratégia de silenciamento, tendo em vista os resultados até então pouco favoráveis a Brizola nas pesquisas eleitorais; na segunda parte, analisa-se como as estratégias, a par da virada de Brizola nas pesquisas, passou a utilizar-se da dissimulação. Silenciamento e dissimulação são conceitos da teoria do discurso de Patrick Charadeuau, com a qual dialogamos neste texto.

permanecendo até 1977 no Uruguai, passando ainda pelos Estados Unidos e Portugal, retornando ao Brasil em 1979 com a Lei de Anistia Política. Em 1980, fundou o Partido Democrático Trabalhista (PDT), e em 1982 elegeu-se governador do Rio de Janeiro, e pela segunda vez em 1990. Concorreu aos pleitos presidenciais de 1989 e 1994, vindo a falecer em 2004.

⁴ O jornal O Globo foi fundado no ano de 1925, no Rio de Janeiro, por Irineu Marinho, que faleceu poucos dias após seu lançamento. O periódico foi então herdado por seu filho Roberto Marinho, que assumiu a direção do jornal no ano de 1931. Segundo João Braga Arêas, O Globo foi favorável à Revolução de 1930, mas depois mostrou-se de oposição ao governo Getúlio Vargas, fez oposição moderada a Juscelino Kubitschek, apoiou a eleição de Jânio Quadros e fez forte oposição ao governo João Goulart e às entidades de esquerda em geral. O Globo comemorou o golpe civil-militar de 1964, afirmando que com a fuga de Goulart e a posse de Mazzilli na presidência a “democracia estaria ressurgindo”.

A mentira política como silenciamento: Cobertura de *O Globo* aos candidatos ao governo do Rio de Janeiro em 1982

Em 1982 o eleitor brasileiro votou em governadores, senadores, deputados federais, deputados estaduais, vereadores e, em algumas cidades, prefeitos. Ainda em 1981, o governo criou o chamado “pacote de novembro”, que estabeleceu o voto vinculado, em que o eleitor ficava obrigado a votar em todos os cargos em candidatos do mesmo partido, sob pena de ter o voto anulado. Ao mesmo tempo, os partidos eram obrigados a lançar candidatos a todos os cargos. A medida visava favorecer o partido oficial do governo, o PDS, visto que os partidos recém-criados teriam dificuldade em lançar candidatos a todos os cargos.

Leonel Brizola foi lançado oficialmente como candidato ao governo do estado do Rio de Janeiro no dia 15 de março de 1982. Já haviam sido lançadas as candidaturas de Miro Teixeira⁵ pelo PMDB, Sandra Cavalcanti⁶ pelo PTB, e Lysâneas Maciel⁷ pelo PT. No PDS houve, inicialmente, a candidatura de Emílio Ibrahim, que com números pouco expressivos nas pesquisas eleitorais desistiu e cedeu lugar a Wellington Moreira Franco⁸, que assumiu a candidatura em junho de 1982.

A partir desse momento, analisaremos a cobertura do jornal *O Globo* a respeito das eleições de 1982. Para isso, tomamos nota do número de vezes que o jornal mencionou cada candidato e cada partido no período de março a novembro de 1982⁹.

⁵ Miro Teixeira é formado em direito, elegeu-se deputado pela primeira vez em 1970 pelo MDB do estado da Guanabara. Reelegeu-se deputado em 1974 e 1978, e novamente em 1986, 1990, 1994, 1998, 2002 e 2006, 2010 e 2014. Foi ministro das Comunicações de 2003 a 2004 durante o governo Lula, passou pelos partidos MDB, PP, PMDB, PDT, PROS e atualmente está na REDE, onde encerrou seu 11º mandato de deputado federal em 2018.

⁶ Sandra Cavalcanti é formada em Letras pela PUC, e atuou em diversos veículos de imprensa. Foi eleita vereadora em 1954, e deputada estadual em 1960, pelo estado da Guanabara. Voltou ao cargo de deputada estadual em 1975 e 1987. Ao longo de sua carreira, passou pelos partidos: UDN, ARENA, PTB, PDR, PFL, PPR e PPB.

⁷ Lysâneas Maciel formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Brasil. Elegeu-se deputado federal pelo MDB da Guanabara em 1970 e 1974. Em 1976, teve seu mandato cassado pelo regime militar e partiu para o exílio na Suíça, retornando em 1978. Elegeu-se deputado federal pelo PDT em 1987, e em 1996, elegeu-se vereador do Rio de Janeiro. Veio a falecer em 1999, decorrente de um câncer de estômago.

⁸ Wellington Moreira Franco formou-se em Sociologia em pela PUC-RJ. Foi deputado federal em 1975 pelo MDB, prefeito de Niterói de 1977 a 1982, sendo que em 1979 trocou o MDB pelo PDS, retornando ao PMDB e elegendose governador do Rio de Janeiro em 1986, deputado federal em 1994 e 2003. Foi ministro da secretaria-geral da presidência da República e Ministro de Minas e Energia durante o governo de Michel Temer.

⁹ Iniciamos a contagem em março por ser o mês da candidatura de Brizola ao governo do Rio de Janeiro, estendendo-a até novembro por serem as eleições no dia 15 desse mês.

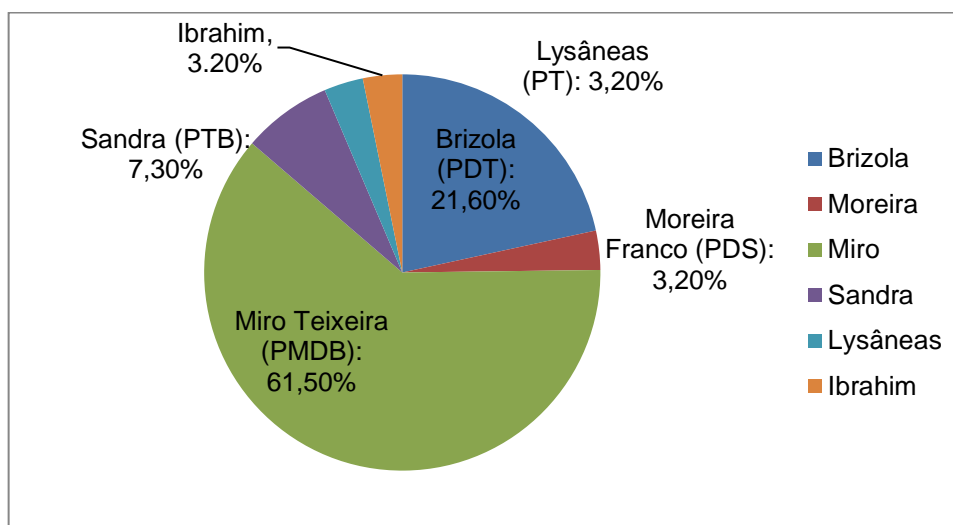
TABELA 1 – Quantidade de menções aos nomes dos candidatos ao cargo de governador do Rio de Janeiro no jornal *O Globo* de março a novembro de 1982.

1982	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Nov
Leonel Brizola	27	35	20	32	22	89	128	129	215
Moreira Franco	04	03	10	57	43	171	208	273	220
Miro Teixeira	76	219	76	70	117	225	201	196	174
Sandra Cavalcanti	09	187	25	60	42	107	99	68	63
Lysâneas Maciel	3	02	05	10	15	53	50	34	40
Emílio Ibrahim	4	03	49	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de março a novembro de 1982.

Nessa tabela, podemos observar a quantidade de vezes que os nomes dos candidatos a governador são mencionados. Nela percebemos como o peemedebista Miro Teixeira teve desde o início maior espaço no jornal que os demais candidatos. Para entendermos melhor a tabela, analisaremos mês a mês os gráficos a seguir com a porcentagem da quantidade de menções do jornal *O Globo* aos candidatos:

Gráfico 01: Março de 1982

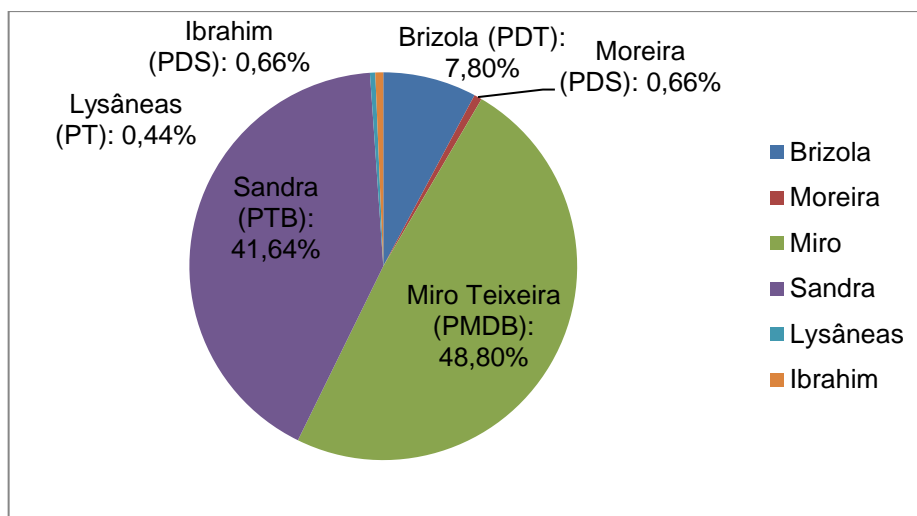


Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de março de 1982.

No mês de março, em que a maioria das candidaturas foram oficializadas, Miro Teixeira foi mencionado em grande escala se comparado aos demais, com uma porcentagem de 61,5%, em um cálculo levando em conta a quantidade de menções de todos os candidatos no jornal durante esse mês. É importante destacar que em março Sandra Cavalcanti possuía, como vimos anteriormente, 51,70% das intenções de voto, em pesquisa não divulgada pelo jornal *O Globo*.

Apesar de seu alto índice, Sandra teve apenas 7,3% das citações nominiais dos candidatos no jornal. Brizola teve a segunda colocação devido aos eventos de divulgação da oficialização de sua candidatura. Quanto ao PDS, Emílio Ibrahim era o candidato, mas tanto ele, quanto Moreira Franco, que em junho tornou-se o candidato oficial do partido, apresentam pouquíssimas vezes seu nome citado por *O Globo*. O mesmo vale para o candidato do PT, Lysâneas Maciel.

Gráfico 02: Abril de 1982

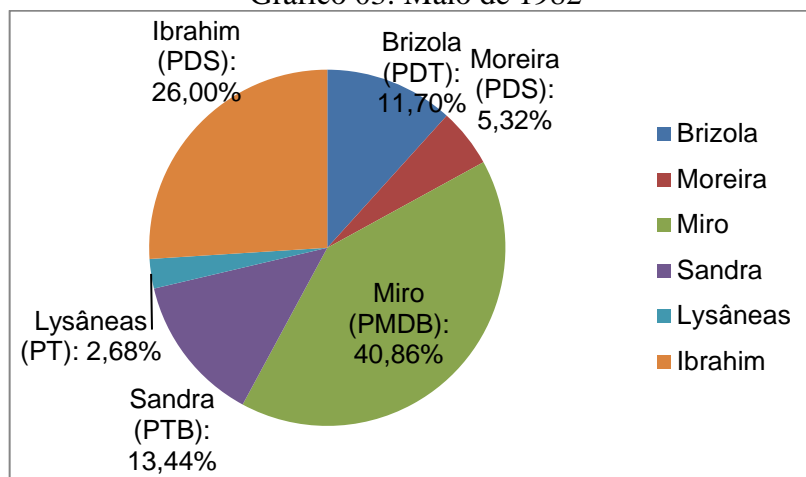


Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de abril de 1982.

Em abril, vemos que *O Globo* aumentou significativamente a cobertura à candidata do PTB, Sandra Cavalcanti. Nesse ponto, vemos o jornal polarizar a disputa entre Miro e Sandra, com 48,80% das menções para o candidato peemedebista e 41,64% para a candidata petebista. Isso se deveu, sobretudo, ao fato de a TV Globo ter promovido um debate com a participação apenas de Sandra e Miro, e o jornal ter feito extensa cobertura e comentários acerca do debate. Observamos no gráfico que os demais candidatos possuem um número muito baixo de citações no jornal em comparação a Sandra e Miro.

A estratégia do jornal foi promover Miro Teixeira como único nome para derrotar Sandra, que estava com altos índices nas pesquisas de opinião. Em março, *O Globo* buscou escrever poucas matérias sobre Sandra, e ao ver que não teve resultado, pois ela permaneceu na primeira posição nas pesquisas, passou a citá-la quase na mesma intensidade que Miro Teixeira. Durante o mês de abril, procurou citar exaustivamente os nomes de Miro e Sandra, com reportagens que questionaram a idoneidade de Sandra e alçaram Miro Teixeira como o principal candidato.

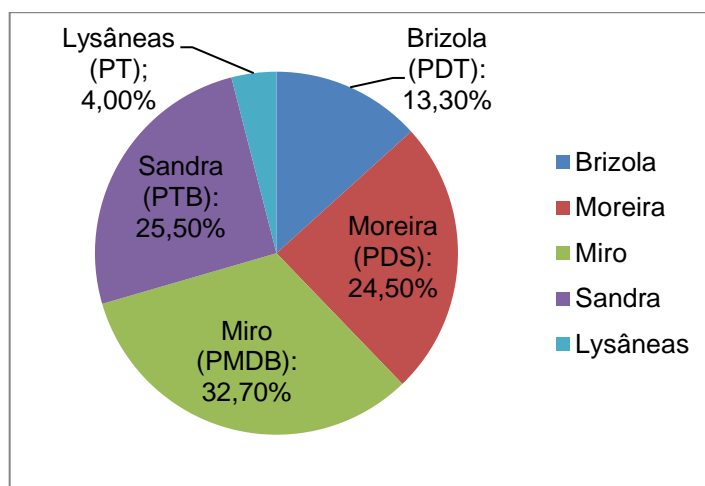
Gráfico 03: Maio de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de maio de 1982.

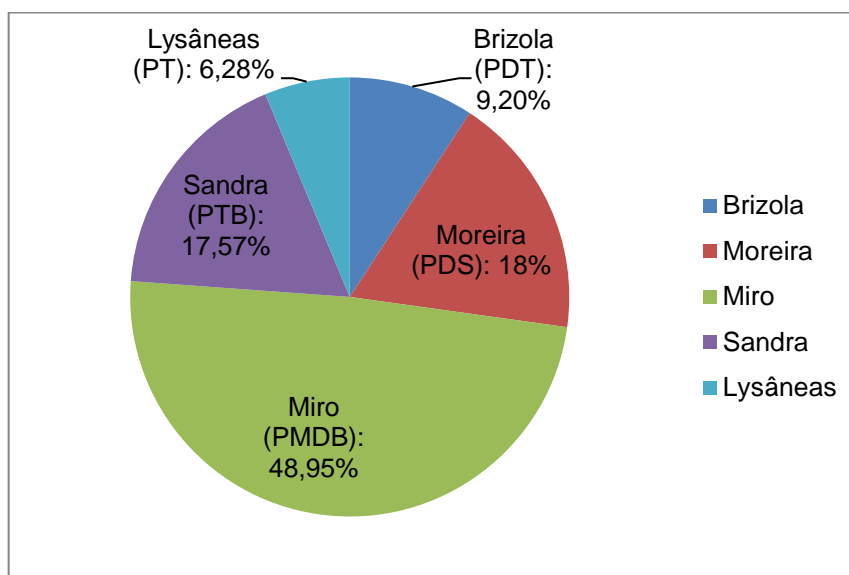
Já em maio, o nome de Miro Teixeira permaneceu, assim como ocorre desde março, com uma grande quantidade de menções no jornal, 40, 86% em relação aos demais. O que surpreende é o aumento do espaço concedido ao candidato Ibrahim, que desde o início apresentou baixos resultados nas pesquisas eleitorais e também nos gráficos acima. Chama atenção principalmente pela análise dos meses de junho e julho:

Gráfico 04: Junho de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de junho de 1982.

Gráfico 05: Julho de 1982



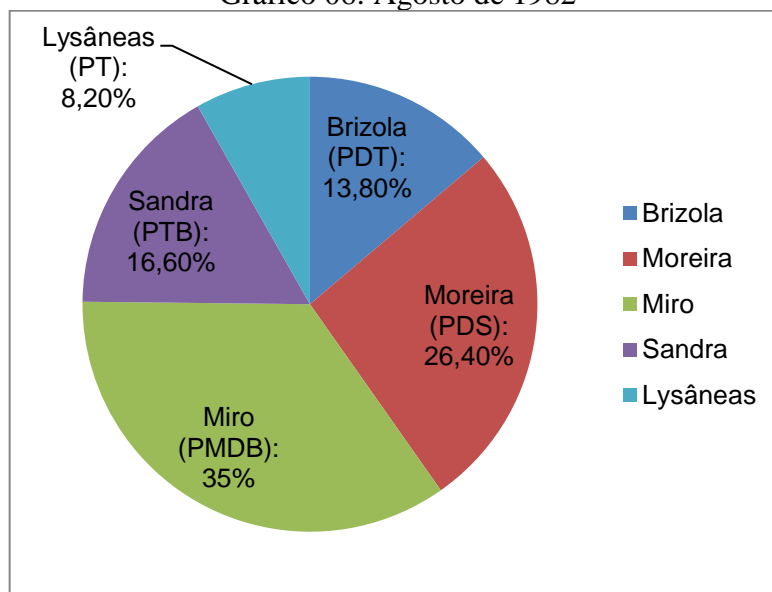
Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de julho de 1982.

Em junho, com a troca de candidato do PDS, Moreira Franco passou a ocupar a segunda posição na escala de citações dos nomes dos candidatos. Miro continuou, durante a maior parte da campanha, como o candidato apoiado por *O Globo*. Podemos perceber como Leonel Brizola e Lysâneas Maciel permaneceram durante esse período com uma baixa quantidade de menções no jornal. Assim, o periódico adotou a estratégia do silêncio, um dos casos de mentira política descritos por Charaudeau:

A ação é mantida em segredo. Trabalha-se aqui com uma estratégia que avalia que anunciar o que é efetivamente realizado provocaria reações violentas e impediria a implantação do que é julgado necessário para o bem da comunidade [...] Isso não impede a existência de mentiras, que os cidadãos sejam enganados em função da discrepância entre os compromissos firmados e os atos realizados, mas, dirão alguns, mentira necessária, pois não é destinada a proteger pessoas em suas condutas delituosas, mas teria por finalidade servir ao bem comum (CHARAUDEAU, 2015, p.107).

A estratégia do silêncio foi adotada pois se acreditou que os candidatos Brizola e Lysâneas representavam uma forte oposição ao governo federal, e uma vez eleitos disporiam da máquina pública para confrontar o governo federal.

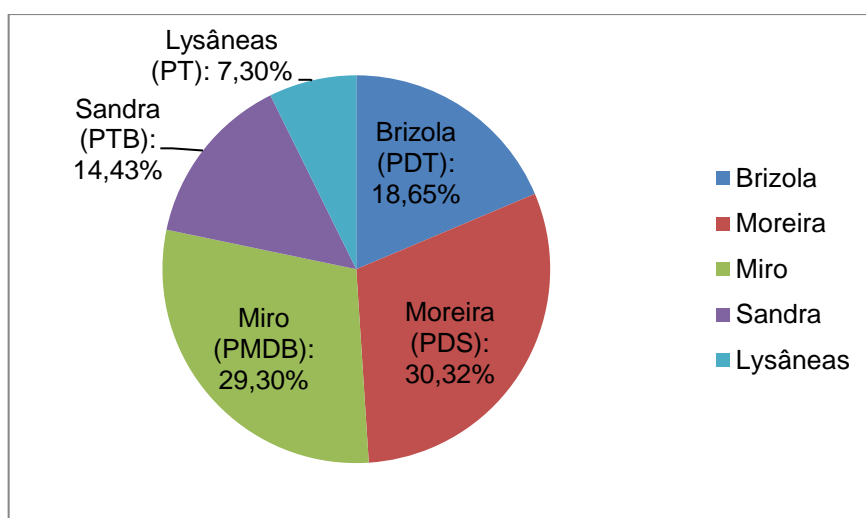
Gráfico 06: Agosto de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de agosto de 1982.

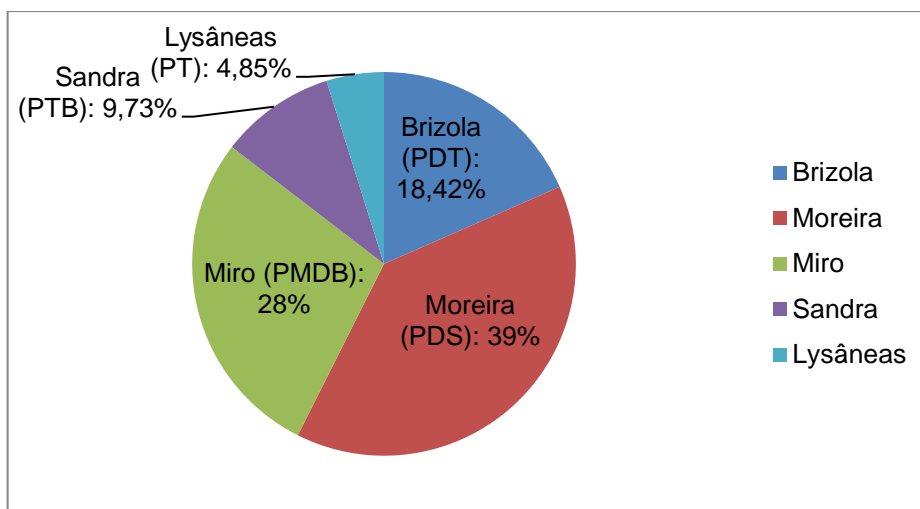
Em agosto, Moreira Franco firmou-se como o segundo candidato com maior cobertura pelo jornal *O Globo*. Enquanto Brizola manteve-se estável, notamos como o jornal deixa de noticiar Sandra, em comparação aos meses anteriores. Lysâneas permaneceu todos os meses como o candidato menos comentado, com a justificativa de o candidato petista estar em baixa colocação nas pesquisas de opinião. Nesse mesmo mês, é divulgada pesquisa em que Miro passa à liderança, com Sandra em segundo lugar.

Gráfico 07: Setembro de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de setembro de 1982.

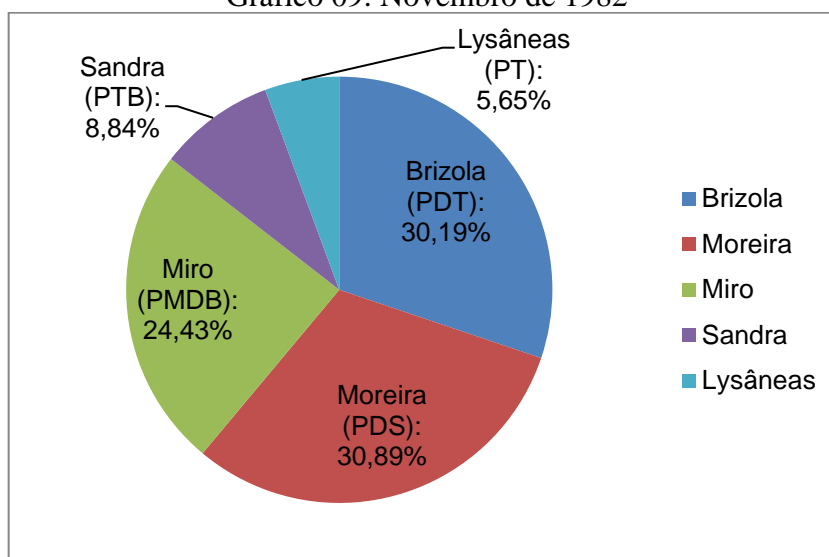
Gráfico 08: Outubro de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de outubro de 1982.

Em setembro e outubro, *O Globo* promoveu uma polarização entre Moreira Franco e Miro Teixeira, com Brizola como o terceiro candidato mais mencionado no jornal, ultrapassando Sandra. O curioso é que nesses meses, Brizola assumiu a liderança nas pesquisas, e mesmo assim, ainda era apenas o terceiro candidato mais citado, atrás de Moreira e Miro. Apenas no mês da eleição é que Brizola possui maior destaque no jornal, como vemos no gráfico abaixo:

Gráfico 09: Novembro de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de novembro de 1982.

No gráfico percebemos que no mês da eleição o jornal praticamente empatou as menções entre Brizola e Moreira Franco, ainda com uma quantidade considerável para Miro

Teixeira. Entretanto, como vimos anteriormente, a maioria das matérias tiveram a intenção de desqualificar o candidato do PDT, trazendo colunas da *Revista Veja* e do *Correio Brasiliense* que criticavam Brizola e alertavam o eleitor fluminense para o perigo que ele representava.

Também fizemos um levantamento da quantidade de vezes que os partidos foram citados no jornal, no mesmo período de março a novembro de 1982. Nele, vimos o PMDB dominar integralmente durante todo o período. Para melhor ilustrar, além da tabela, seguem os gráficos dos meses correspondentes:

Analisando os dados obtidos na pesquisa, o jornal trabalhou em um processo de construção da candidatura de Moreira Franco, cujo espaço no jornal aumentou consideravelmente. Segundo Patrick Charaudeau,

Quando se está numa situação em que há a necessidade do outro para realizar um projeto, e não se tem maturidade sobre este outro para obriga-lo a agir de um determinado modo, empregam-se estratégias de persuasão ou de sedução que consistem em fazer com que o outro (indivíduo ou público) compartilhe de uma certa crença (CHARAUDEAU, 2016, p. 68).

O jornal *O Globo* empregou estratégias para alavancar a candidatura de Moreira Franco, e de desconstrução dos demais candidatos, especialmente Brizola. Essas estratégias estão comprovadas nos números obtidos na pesquisa. A escolha das matérias que deveriam ir às páginas, a forma como os títulos eram escritos e a seleção de conteúdos em um espaço demonstrou como o enfoque era, em sua maioria, dedicado ao candidato pedessista.

O Globo buscava, portanto, persuadir a opinião pública para seus interesses. Segundo Charaudeau, “a opinião pública existe tanto pelos discursos que produz sobre si mesma ou sobre os outros quanto por aqueles produzidos sobre ela, instaurando uma luta de influências entre tais discursos” (CHARAUDEAU, 2016, p.47). O jornal caracterizava a opinião pública como influenciada pelo discurso por ele produzido, e buscava criar maneiras de desqualificar os seus adversários políticos.

A mentira política como dissimulação: Intensificação do discurso de Leonel Brizola e virada nas pesquisas

Quando a disputa mostrava cada vez mais tender entre PDS e PMDB (Moreira Franco e Miro Teixeira), o cenário da eleição se altera. Miro que era identificado com o então governador Chagas Freitas, estreita relações com os setores mais à esquerda do partido, afastando-se mais e mais de seu grupo original. A crise existente dentro do partido aumentou,

ocasionando o desligamento de Chagas e seu grupo da campanha (passam a apoiar Moreira Franco).

Simultaneamente, Miro registrou queda nas pesquisas, fato ocasionado também pela radicalização do discurso de Leonel Brizola, que abandonou o tom conciliador adotado após o retorno do exílio, declarando à imprensa, no dia da homologação da sua candidatura, 6 de agosto, o seguinte: “Sou o candidato para desmascarar o falso oposicionismo desses candidatos; candidatos que são o diabo, o demônio e o satanás, para que o inferno ganhe sempre. Falta-lhes legitimidade, exatamente o que me sobra”(SENTO-SÉ, 1999, P.222).

Brizola tentou convencer, dessa forma, que ele era o único candidato verdadeiramente de oposição, utilizando-se de expressões como “o diabo”, “o demônio” e “o satanás” para representar os três candidatos que estavam a sua frente naquele momento: Moreira Franco, Miro Teixeira e Sandra Cavalcanti. Com esse discurso cada vez mais agressivo, Brizola conseguiu consolidar-se como líder oposicionista, passando à liderança das pesquisas. Em 15 de outubro o *Jornal do Brasil* publicou as intenções de votos, separadas por região e pelos meses de setembro e outubro:

Tabela 2 – Intenções de voto por regiões do estado do Rio de Janeiro em setembro e outubro de 1982:

Candidatos	Intenções de voto por regiões do estado					
	Setembro			Outubro		
	Capital	Periferia	Interior	Capital	Periferia	Interior
Brizola	31,3%	23,3%	6,2%	44,8%	37,8%	14,0%
Moreira	16,5%	26,8%	30,5%	13,4%	26,4%	30,8%
Miro	18,7%	17,5%	33,5%	13,5%	13,8%	31,4%
Sandra	19,5%	19,9%	18,4%	14,5%	11,4%	13,4%
Lysâneas	5,4%	2,9%	1,6%	4,8%	3,8%	2,4%

Fonte: SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

Segundo Américo Freire, se Moreira Franco possuía o apoio da máquina federal, e Miro Teixeira da estadual, Brizola dispunha fundamentalmente de seu carisma, “do seu temido talento de mobilizar as massas e de sua histórica condição de agitador político, fato

esse que o levou a abandonar, ao menos temporariamente, o perfil de estadista moderado que encarnara nos últimos anos” (FERREIRA, FREIRE, 2016, p.189).

O jornal *O Globo* não publicou a pesquisa em que Brizola apareceu como primeiro colocado. Porém com esse indicador, o jornal iniciou, a partir de outubro, uma série de notícias e reportagens que visaram a criticar Brizola depois de ele alcançar a liderança das pesquisas.

Já no mês de outubro, *O Globo* passou a reproduzir a “Carta ao Leitor” da *Revista Veja* e editoriais do *Correio Brasiliense*. No dia 6 de outubro, a “Carta ao Leitor” da *Veja* reproduzida em *O Globo* atacava Brizola, afirmando que votar nele não significava apenas apoiar suas críticas ao governo federal e estadual, mas também “anistiar suas aventuras anistiadas, como sua conexão cubana, e sua demagogia do presente”¹⁰. No dia seguinte, em transcrição do *Correio Brasiliense*, *O Globo* divulgou um manifesto de João Carlos Gavillan¹¹, intitulado *Brizola: fracassado e um grande pé-frio*:

Enquanto o gaúcho Leonel Brizola acalenta seu velho sonho de chegar ao Palácio Guanabara, seria de bom alvitre recordar algumas passagens de sua vida, que lhe parecem conferir peculiar característica: a má sorte o acompanha, e se transfere àqueles que cruzam o seu caminho. Em 1964, o cunhado deposto, João Goulart, confiou na “Cadeia da Legalidade” e nas “forças democráticas”, mas na hora H, o então Deputado Brizola não quis voar para o Rio para “liderar a reação”, nos primeiros dias de abril, ambos partiram para o Uruguai, abandonando à própria sorte os que os apoiavam. [...] Mas dia 15 de novembro vem aí. Que os cariocas e fluminenses em geral reflitam bem. E se na hora de preencher a cédula sentirem uma vontade irreversível de preencherem o nome do caudilho, lembrem-se das enchentes do começo do ano, dos viadutos e coisas parecidas. Principalmente porque o gaúcho se cuida. Depois de abraçar Prestes, foi correndo tomar a benção ao cardeal¹².

O jornal buscou, com o aumento de Brizola nas pesquisas de opinião, trazer fatos da sua carreira política para evidenciar porque ele não deveria ser eleito. Com a possibilidade real de vitória do candidato pedetista, passou a publicar diversas vezes críticas a ele. Nessa publicação, o jornalista afirmou que Brizola não quis voar para o Rio de Janeiro para reagir à deposição de Goulart. No entanto, como é sabido, em entrevistas publicadas por Moniz Bandeira, FC Leite Filho, entre outros, Brizola planejava iniciar uma reação ao golpe, partindo do Rio Grande do Sul, e foi Jango quem ordenou que não houvesse confronto.

¹⁰ *Carta ao leitor, O Globo*, 06 de outubro de 1982. Transcrito da Revista *Veja* de 6 de outubro de 1982.

¹¹ Não foi possível encontrar maiores informações sobre o autor.

¹² *O Globo*, 7 de outubro de 1982. Transcrito do *Correio Brasiliense* de 6 de outubro de 1982.

Gavillan afirmou que Brizola e Jango abandonaram à própria sorte os que os apoiavam, quando na verdade Brizola passou um mês se escondendo pelo Rio Grande do Sul e teve de se exilar no Uruguai porque estava sendo perseguido pelos militares, que tinham ordem para prendê-lo ou matá-lo. O que o jornalista faz, e por conseguinte o *Correio Brasiliense* e *O Globo* ao publicá-lo, é dissimular a história para provar um ponto de vista, nesse caso que Brizola não teria condições de ser governador do Rio de Janeiro.

Devemos analisar então se a atitude de João Carlos Gavillan foi uma mentira na cena pública. Para Patrick Charaudeau¹³, a mentira é um ato de linguagem que obedece a três condições: o sujeito falante diz o contrário daquilo que sabe ou julga como indivíduo pensante; saber que aquilo que diz é contrário ao que pensa; e “dar ao seu interlocutor signos que o façam crer que aquilo que ele enuncia é idêntico ao que ele pensa”. Charaudeau também afirma ser necessário inscrever uma relação entre locutor e interlocutor, de maneira que o primeiro deve considerar o saber do segundo para proteger seu próprio saber (CHARAUDEAU, 2015).

Para o autor, há diversas formas de mentira: pode-se mentir pelo silêncio, pela omissão, pela dissimulação, pela fabulação ou pelo blefe, como no jogo:

Efetivamente, encontramos aqui na fronteira entre as duas forças que animam a vida política: o ideal dos fins e o uso dos meios para atingi-los. Perversidade do discurso político, que deve sustentar permanentemente a coexistência de uma *desejabilidade social e coletiva*, sem a qual não pode haver busca de um bem soberano, e de um *pragmatismo* necessário à gestão do poder [...] Efetivamente, entram aqui em colisão uma verdade das aparências, encenada pelo discurso, e uma verdade das ações, empregada pelas decisões. No discurso político, as duas misturam-se em uma “verossemelhança” sem a qual não haveria ação possível no espaço público. Está aqui, talvez, um dos fundamentos da palavra política (CHARAUDEAU, 2015, p. 105).

Com isso, entendemos que a mentira no discurso político está presente quando há um ideal a ser atingido, e é preciso criar meios para isso. Como afirmou o autor, quando entram em colisão a verdade das aparências e a verdade dos discursos, a palavra política é formada, sendo esta um “conjunto de verdades” em que podem ocorrer mentiras para alcançar os meios definidos. No caso em questão, o jornalista dissimulou os fatos para reforçar seu ponto de

¹³ Charaudeau é professor na Universidade Paris-Nord (Paris 13), e diretor-fundador do Centro de Análise de Discurso (CAD). É uma das maiores autoridades mundiais na área de análise de discurso, criador da Teoria Semiolinguística da análise de discurso. Entre outras publicações, é autor das obras *Discurso das Mídias*; *Discurso Político*; *Linguagem e Discurso* e coautor do *Dicionário de análise de discurso*.

vista. Se confrontarmos as declarações historicamente, podemos admitir que ele fez uso da mentira para legitimar seu discurso.

Em 15 de outubro, *O Globo* fez uma extensa cobertura de um suposto atentado de brizolistas, que teriam atacado a pedradas o comício do PMDB na Central do Brasil, em que quatro pessoas ficaram feridas. Na capa, o título foi *Brizolistas atacam a pedradas manifestantes do PMDB na Central* e na reportagem, *Caminhões do PMDB atacados por manifestantes na Central* e *Quatro feridos em pancadaria na Central*. No dia seguinte, em editorial intitulado *O luxo e as pedradas*, o jornal afirmou:

PROCURANDO justificar os atos de violência praticados por partidários seus quinta-feira na Central do Brasil, o candidato do PDT ao governo do Estado definiu a agressão como “reação natural” ao “luxo” da campanha do PMDB. TEMOS ASSIM, esclarecida, a paternidade da violência. E CONSIDERANDO-SE QUE luxo e conforto são conceitos separados por fronteira imprecisa, fica a população alertada para o risco que corre. A qualquer momento, nos termos da doutrina brizolista, sobre a “reação natural ao luxo”, voarão as pedradas e serão brandidos os porretes. DESTES pesadelo confiamos que o Rio de Janeiro acordará no dia 15 de novembro¹⁴.

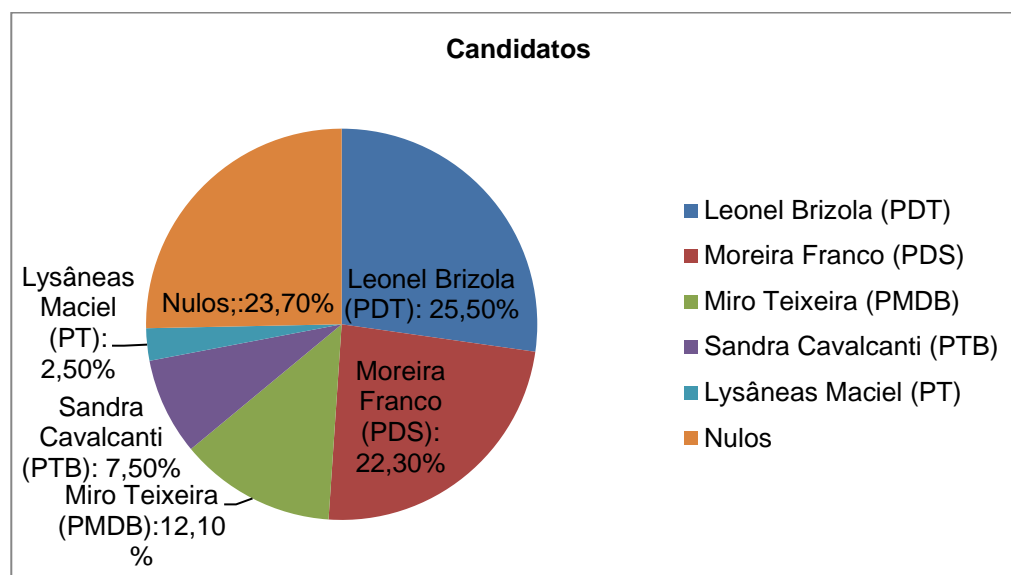
O Globo continuou a publicar editoriais do jornal *Correio Brasiliense*. Sob o título *Se Brizola ganhar*, João Carlos Gavillan afirmou que se o candidato pedetista vencesse o pleito, o Rio de Janeiro continuaria sob permanente clima de tensão, com obras paralisadas, e funcionários com salários atrasados. E continua: “Politicamente, Brizola de nada valerá, que o seu Partido Democrático Trabalhista nasceu morto, apenas ganhou uma dádiva do Governo”. Gavillan afirmou, ainda, que Brizola sem apoio político se voltaria para explorar a insatisfação e favorecer a revolta do povo do Rio de Janeiro, e ainda para os recursos da “multinacional ideológica da Internacional Socialista”¹⁵.

Depois de não divulgar pesquisas que mostraram Brizola na primeira colocação nas intenções de voto, *O Globo* de 30 de outubro publicou uma pesquisa em que Brizola continuava na liderança, sob o título *No Rio, Brizola cai e Moreira dispara*:

¹⁴ *O Globo*, *O Luxo e as pedradas*, 16 de outubro de 1982.

¹⁵ *O Globo*, *Se Brizola ganhar*, 16 de outubro de 1982. Transcrito do *Correio Brasiliense*, de 15 de outubro de 1982.

Gráfico 01: Pesquisa eleitoral divulgada pelo jornal *O Globo* de 30 de outubro de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base nos dados do jornal *O Globo* de 30 de outubro de 1982.

A queda do candidato do PDT, Leonel Brizola, que tropeça seriamente no obstáculo da vinculação geral de votos, e o avanço impressionante de Moreira Franco, do PDS, são as principais constatações de uma pesquisa que o Ibope realizou com quase duas mil pessoas no Estado do Rio de Janeiro, entre os dias 23 a 27 desse mês. No momento em que os candidatos entram na fase final da campanha, o Ibope verificou que em cinco dias Moreira Franco deu um salto de quase seis pontos percentuais, aproximando-se da marca alcançada por Leonel Brizola. Agora, o candidato do PDS é o detentor da preferência de 22,3% das intenções de voto no Estado, aferidas com a aplicação da vinculação de votos exatamente como ela será feita no dia da eleição.¹⁶

Na reta final da campanha, a popularidade de Brizola crescia e seu nome ganhava força e adesão popular. Para Sento-Sé,

Contra as máquinas federal e estadual, Brizola contava com sua impressionante performance pessoal e um grupo de militantes extremamente coeso e combativo. A esta altura, surge um movimento que se tornaria famoso: a Brizolândia. Na estação Central do Brasil, em bairros do subúrbio e nas principais praças do centro da cidade ocorrem conflitos entre militantes que apoiam Brizola e cabos eleitorais de candidatos de outros partidos. Os confrontos físicos eram o correspondente de rua entre os candidatos, marcados por agressões verbais e acusações recíprocas (SENTO-SÉ, 1999, p. 227).

No dia anterior à eleição, *O Globo* publicou um editorial intitulado *Em jogo, o destino do Rio*, em que induz, com todas as letras, os eleitores a votarem no candidato do PDS, Moreira Franco:

¹⁶ *O Globo*, No Rio, *Brizola cai e Moreira dispara*, 30 de outubro de 1982.

O CANDIDATO DO PDT, Leonel Brizola, pretendeu apresentar-se ao eleitorado como uma espécie de opositor integral: contra o Governo Federal e o Governo do Estado (mesmo estando este nas mãos do maior partido nacional de oposição). Tal postura, inegavelmente lhe permitiu ascensão inicial nas pesquisas de opinião, embora as mais recentes tenham indicado significativa queda no seu prestígio. Isto se explica: a retórica fácil do oposicionismo generalizado ajustava-se com perfeição ao ambiente acalorado e dinâmico da campanha eleitoral. Some-se a isto a habilidade do candidato na exploração dos sacrifícios que as dificuldades econômicas impõem a população, e está definido o fenômeno Brizola. NO ENTANTO, não se governa de uma tribuna, mas de uma mesa de trabalho. E este deve ser o dado essencial da decisão do eleitor. [...] O PRIMEIRO GOVERNADOR que, em 17 anos, chega ao poder pelo voto direto deve preencher necessariamente duas condições: o conhecimento profundo das necessidades do Estado e acesso aos meios de satisfazê-lo. MOREIRA FRANCO responde a essas exigências com todas as qualificações. Foi bom deputado e bom prefeito; conduziu a campanha com sobriedade, sem personalismo nem promessas fantásticas. [...] SE A NOSSA principal preocupação neste momento, é, como deve ser, dar ao Rio um governante capaz de enfrentar com êxito nossos problemas graves e prementes, o voto em Moreira Franco será por certo o mais indicado¹⁷

Desse modo, *O Globo* firmou sua posição em favor de Moreira Franco e atacou principalmente Brizola, que aparecia em primeiro lugar nas pesquisas de opinião, na tentativa de induzir os eleitores a deixarem de votar em Brizola para votar em Moreira Franco. Além do citado no trecho acima, o jornal criticou Brizola por possuir apenas “ideias gerais” para governar o estado, por não conhecer o Rio e os problemas e reivindicações do povo¹⁸.

Segundo Patrick Charaudeau, por enfrentar um público heterogêneo, as mídias recorrem a certas técnicas para descrever os acontecimentos, comentá-los e colocá-los em debate:

Elas reportam os fatos de acordo com os cenários dramáticos de combate a fim de suscitar movimentos emocionais diversos: antipatia em relação aos agressores, simpatia para com os salvadores, compaixão pelas vítimas. Comentam esses mesmos acontecimentos ao reduzi-los na maior parte do tempo a esquemas de explicação mais ou menos estereotipados, sem perspectiva histórica, mas com aparência de evidência. Os debates que supostamente alimentam o espaço da discussão, confrontando opiniões diferentes e contrárias com o intuito de esclarecer o público, são apresentados como torneios oratórios, na verdade, espetáculos retóricos, que ao final das contas, convertem as opiniões em julgamento passionais (CHARAUDEAU, 2015, p. 284).

¹⁷ *O Globo, Em Jogo, o destino do Rio de Janeiro*, 14 de novembro de 1982.

¹⁸ *O Globo, Em Jogo, o destino do Rio de Janeiro*, 14 de novembro de 1982.

É dessa forma que o jornal *O Globo* construiu seu discurso contrário a Brizola e favorável a Moreira Franco. Em relação a Brizola, passou a imagem de um candidato sem condições de ser governador do estado, ou seja, a antipatia em relação ao agressor (nesse caso, um possível agressor ao estado do Rio de Janeiro). Ao mesmo tempo, procurou criar uma simpatia com um suposto salvador: Moreira Franco. O objetivo foi fazer com que o eleitor visse Moreira Franco como um salvador para o estado, e Brizola, um inimigo.

Segundo o periódico, “nem o clima febril da campanha eleitoral pode transformar o candidato Brizola numa hipótese de governador viável e capaz”. O jornal ainda buscou desacreditar o eleitor dos demais candidatos. Sobre Miro Teixeira, apoiado pela publicação até a candidatura de Moreira, argumentou que ele apresentou, ao longo da campanha, contradições políticas, por sua aliança com organizações de esquerda¹⁹.

Quanto a Sandra Cavalcanti e Lysâneas Maciel, *O Globo* afirmou que o baixo desempenho dos dois nas últimas pesquisas não permitia que tivessem o mesmo espaço que os demais. Mas que seria injusto comparar Sandra a Lysâneas. Para o jornal, Sandra, que esteve em primeiro lugar nas pesquisas inicialmente, e por um tempo considerável, perdeu terreno à medida que se definia o quadro da disputa, pela sua transferência ao PTB, por não ter ligação com a causa trabalhista.

Sobre Lysâneas, *O Globo* afirmou que sua candidatura foi construída a partir de “um radicalismo que não encontra qualquer ressonância no eleitorado amadurecido do Rio de Janeiro”. Por fim, ao falar do candidato do PDS, Moreira Franco, o jornal não apresenta nenhuma crítica ou questionamento, colocando-o como o único capacitado para governar o Rio de Janeiro, e pedindo ao eleitor para que vote nele²⁰.

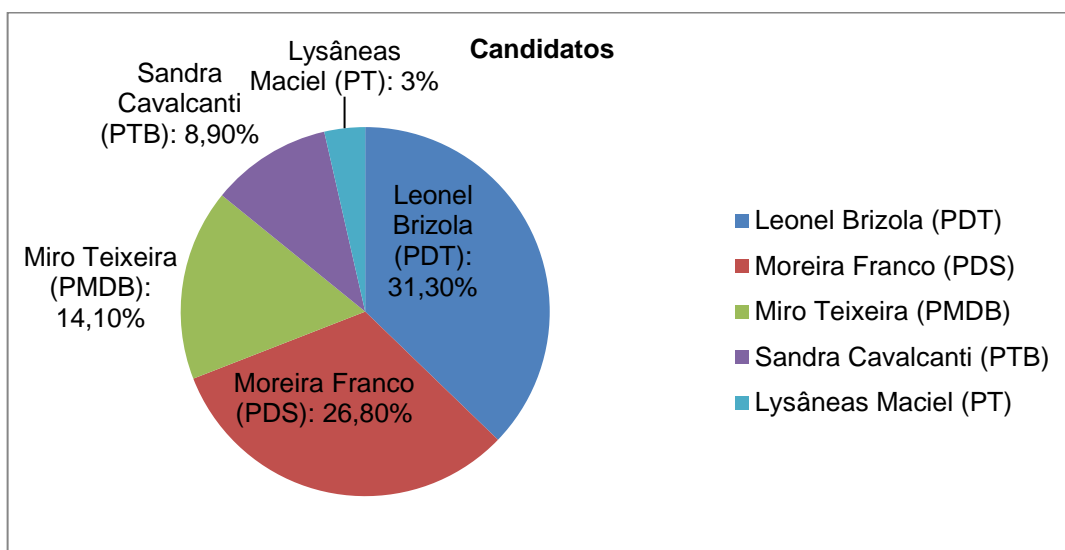
Como vimos, *O Globo* se posicionou publicamente a favor do candidato do partido do governo federal, mas contra o partido do governo estadual. No início, o jornal apoiou a candidatura de Miro Teixeira, pela continuidade do governo de Chagas Freitas, através de seu sucessor. Ocorreu que ao longo da campanha, Miro se distanciou da corrente chaguista, aproximando-se de grupos de esquerda, até mesmo do PCB, que o consideravam a opção viável, por conta da teoria do voto útil. Em função disso, e da candidatura de Moreira Franco ter tido maior aceitação que a do candidato anterior do PDS, Emílio Ibrahim, o jornal passa a apoiar explicitamente o candidato pedessista.

Como o voto era manual, a contagem das células demorou alguns dias para ser finalizada. No dia 16, a última pesquisa foi divulgada, prevendo a vitória de Brizola:

¹⁹ *O Globo*, *Em jogo o destino do Rio de Janeiro*, 14 de novembro de 1982.

²⁰ *O Globo*, *Em jogo o destino do Rio de Janeiro*, 14 de novembro de 1982.

Gráfico 10: Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal *O Globo* de 16 de novembro de 1982:

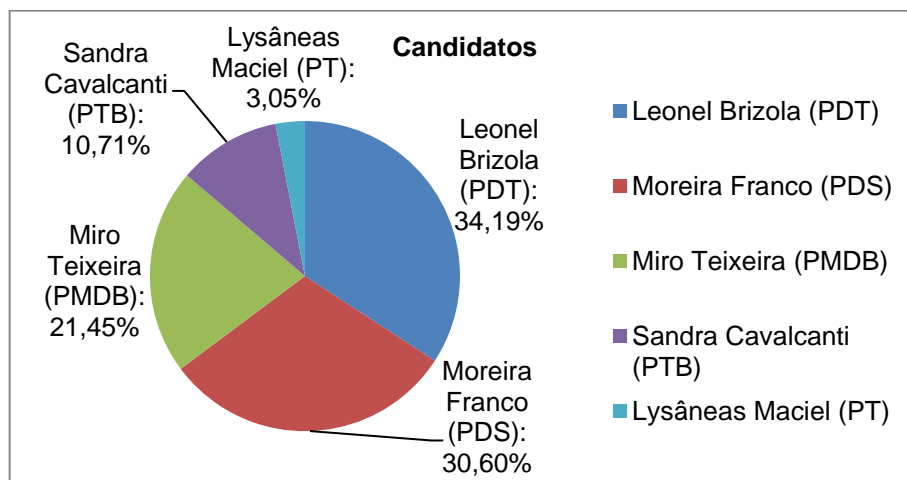


Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de 16 de novembro de 1982.

1. Eleição de Brizola como governador do Rio de Janeiro

O resultado oficial das eleições foi divulgado apenas em 21 de novembro, com o seguinte resultado, levando em consideração os votos válidos:

Gráfico 11: Resultado das eleições:



Fonte: Elaboração do autor com base em: Sento-Sé, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

A vitória de Brizola, depois de ocupar a quarta posição nas pesquisas iniciais, ocorreu, principalmente, por força do desempenho do próprio Brizola. Diversos autores, como Sento-Sé e Américo Freire, concordam que ao partir para o ataque em uma estratégia de desqualificação dos demais candidatos, Brizola construiu sua própria vitória. Segundo

Américo Freire, Brizola valeu-se de um espaço nos meios de comunicação, investindo principalmente nos debates, e na política do corpo a corpo. Chamou para si as reivindicações das áreas populares, firmando seu compromisso contrário à política de remoção da população das favelas. Isso fez com que ele tivesse um grande número de votos na capital, entre as classes mais baixas financeiramente (FREIRE, 2016, p. 190).

Outra estratégia, para Freire, foi a de combater, simultaneamente, dois projetos de poderes estaduais, o chaguista, centrado na figura do governador Chagas e na de Miro Teixeira, e o amaralista, sob a influência do ex-governador Amaral Peixoto e da candidatura de Moreira Franco. Com forte crítica aos projetos dos ex-governadores, Brizola “praticamente nacionalizou as eleições, fazendo questão de bater muitas vezes na tecla da tradição e da responsabilidade nacional do Rio de Janeiro para com o país” (FREIRE, 2016, p.190).

Segundo Américo Freire, Brizola valeu-se de um espaço nos meios de comunicação, investindo principalmente nos debates, e na política do corpo a corpo. Chamou para si as reivindicações das áreas populares, firmando seu compromisso contrário à política de remoção da população das favelas. Isso fez com que ele tivesse um grande número de votos na capital, entre as classes mais baixas financeiramente (FREIRE, 2016, p. 190).

Outra estratégia, para Freire, foi a de combater, simultaneamente, dois projetos de poderes estaduais, o chaguista, centrado na figura do governador Chagas e na de Miro Teixeira, e o amaralista, sob a influência do ex-governador Amaral Peixoto e da candidatura de Moreira Franco. Com forte crítica aos projetos dos ex-governadores, Brizola “praticamente nacionalizou as eleições, fazendo questão de bater muitas vezes na tecla da tradição e da responsabilidade nacional do Rio de Janeiro para com o país” (FREIRE, 2016, p.190).

Além de Brizola, o PDT também saiu fortalecido da eleição, principalmente no Rio de Janeiro, que pelo voto vinculado também elegeu o senador Saturnino Braga. O PDT saiu das eleições como o terceiro maior partido nacional, ou seja, o principal dos partidos recém-criados, sem levar em conta o PDS e o PMDB, herdeiros da polarização ARENA-MDB.

O partido elegeu 26 deputados federais, dos quais 19 eram do Rio de Janeiro e sete no Rio Grande do Sul, isto é, construiu sua bancada federal nos dois estados em que Brizola concentrava sua força política. No Rio de Janeiro, confirmou-se como o principal partido ao conquistar 24 das 70 cadeiras da Assembleia Legislativa, e 12 das 33 cadeiras da Câmara dos Vereadores da capital (SENTO-SÉ, 1999, P. 229)..

Sento-Sé analisou que a vitória do PDT foi uma vitória de Brizola arraigada em sua personalidade e carisma:

A capacidade privilegiada de arrebatrar multidões, o poder quase mágico de fazer-se ouvir e ter crédito junto ao eleitorado se confirmavam e superavam todas as expectativas. Brizola confirmava ser de fato o líder capaz de conduzir um partido de massas ao poder. Naquele momento, ele era maior que o próprio partido. Esse ainda estava para ser inventado, mas seu sucesso, diante do resultado eleitoral, parecia irreversível. Brizola derrotara duas máquinas poderosíssimas, levava o eleitorado do Rio de Janeiro a ignorar as ameaças do poder autoritário, arrebatara as massas e comprovava a sua capacidade de fazer as massas ouvirem a verdade e votarem com consciência (SENTO-SÉ, 1999, p. 230).

Brizola foi o único governador eleitor fora do eixo PMDB/PDS, e sua vitória foi vista pelos brizolistas como a vitória do moderno, “representado pelo socialismo moreno, alinhado à Internacional Socialista e à ‘revolução’ socialdemocrata, contra o atraso representado pelo chaguismo, pelo PDS e pelos comunistas do PCB” (SENTO-SÉ, 1999, p. 230). Para muitos brizolistas, esse era o primeiro passo que o levaria a um caminho até o governo federal.

Para Sento-Sé, porém, sua morte política foi anunciada ao menos duas vezes: em 1986 quando seu candidato ao governo, Darcy Ribeiro, foi derrotado por Moreira Franco, que havia trocado o PDS pelo PMDB; e em 1989, quando perdeu para Lula a chance de disputar o segundo turno contra Fernando Collor de Mello.

Após a vitória, Brizola assumiu um estado com diversos problemas, especialmente no tocante à segurança e à educação. Quanto às políticas de segurança pública e ao combate à criminalidade, para Bruno Marques da Silva, no contexto da redemocratização, a dinâmica da criminalidade urbana do Rio de Janeiro apresentou novos padrões, novas práticas, e novos sujeitos. Nessa época, cresceram os crimes violentos e o consumo de drogas ilícitas (MARQUES, 2016).

Os primeiros atos de Brizola como governador foram dedicados à questão dos direitos humanos e à violência policial. Extinguiu a Secretaria de Segurança Pública – identificada como aparelho de controle da ditadura – e em seu lugar criou o “Conselho de Justiça, Segurança Pública e Direitos Humanos”, que reunia representantes da sociedade civil, para debater políticas de segurança, aproximando a polícia e o conjunto dos cidadãos (MARQUES, 2016, p. 243).

Brizola elegeu-se governador do Rio de Janeiro após uma impressionante virada. De quarto lugar nas pesquisas de opinião, passou a liderança após intensificar o seu discurso, intitulado-se o único candidato verdadeiramente oposicionista ao governo federal e ao estadual.

O Globo declarou abertamente apoio ao candidato Moreira Franco. Até Brizola assumir a liderança nas pesquisas, o jornal apostou no silêncio sobre a sua candidatura, com um baixo número de reportagens e notícias sobre ele quando comparado aos demais candidatos. Já com Brizola assumindo a liderança nas pesquisas, *O Globo* passou a criar discursos que visavam desconstruir sua imagem. Com editoriais fortes, criticou de forma veemente a chance de Brizola ser eleito e afirmou ao eleitor que a melhor opção para o governo do estado era Moreira Franco, do PDS.

Diante dos pontos apresentados até aqui, em que ficou clara a oposição do jornal *O Globo* em todos os momentos políticos de Brizola após sua volta do exílio, é necessário buscar compreender os motivos que levaram o jornal a oferecer tanta resistência à Brizola e ao brizolismo. Pois, mesmo que tenha sido um líder político de grande expressão e carisma, Brizola voltou enfraquecido do exílio.

Então, qual o motivo de *O Globo* oferecer resistência à Brizola? A resposta precisa ser construída tendo em vista o posicionamento ideológico do jornal e o contexto nacional e internacional. Em sua tese de doutorado, João Braga Âreas analisou a intenção do jornal de Roberto Marinho em defender a entrada do neoliberalismo na política brasileira. Segundo Âreas,

O Globo apontou a raiz dos problemas nacionais – o Estado – e apresentou a solução: as privatizações e o neoliberalismo em geral. Sustentou que a “iniciativa privada”, liberada dos entraves burocráticos e protecionistas, geraria dinamismo econômico, “modernizaria” o país e resolveria os problemas sociais. Nesse sentido, o jornal sustentou que os interesses do capital coincidiam com as demandas de toda a sociedade (ÂREAS, 2012, p.328).

Apesar de Âreas estudar o período de 1989 em diante, a intenção do jornal já vinha sendo demonstrada há um tempo considerável, e explica como o *Globo* passou a partilhar da ideia de que o culpado pelos problemas do país seria o Estado, ao exercer grande interferência na economia. O jornal, assim como os adeptos do neoliberalismo, acreditara que a entrada de capital da iniciativa privada modernizaria o país, ao ser mais eficaz do que as estatais.

Brizola defendia o nacionalismo, a valorização das empresas estatais, e, portanto, contrário às privatizações, e isto ia contra a linha neoliberal que *O Globo* procurou defender. Isso pode ser observado na campanha para governador na qual *O Globo* atacava essas premissas do programa de Brizola.

Aqui é preciso discutir sobre o conceito de nacionalismo brizolista. O nacionalismo brasileiro no período de 1955 a 1964 defendia as reformas sociais e econômicas, tais como reforma agrária, reforma urbana, reforma fiscal e tributária e reforma educacional. Além das reformas, a política nacionalista caracterizava-se pelo “controle da remessa de lucros e encampação e nacionalização de empresas estrangeiras, que atuavam em setores estratégicos da economia brasileira, com o objetivo de incentivar os investimentos nacionais, privados e públicos” (DELGADO, 2007, p.360).

Somado a essa ideia esteve o projeto nacional-desenvolvimentista, com uma “racionalização em relação aos recursos naturais do país, uma racionalização maior da gestão pública”. Para Lucilia Almeida Neves, este projeto foi adotado tanto por parcelas do empresariado como por intelectuais, embora tenha sido na sociedade civil e no Congresso Nacional que ocorreu a propagação dessas teses.

A partir de 1955, ganhou expressão o chamado nacionalismo reformista, em que as reformas citadas acima passaram a ser entendidas como primordiais, e que o patrimônio brasileiro deveria ser defendido frente à espoliação do capital internacional. Criou-se a Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), que em sua primeira manifestação contou com 55 deputados, que em um programa defendiam as seguintes ações:

Políticas efetivas para ampliação da participação brasileira no mercado externo; controle das remessas de divisas para o exterior; defesa das reservas de capital do país; defesa da indústria brasileira; proteção do país contra atuação de trustes e cartéis internacionais; defesa das instituições estatais de monopólio já constituídas ou que viessem a se constituir, entre outras (grifo nosso) (DELGADO, 2007, p.368).

Segundo Lucilia Almeida Neves, a FPN atuou durante os governos de Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart, sendo com este último que ela ganhou maior visibilidade. De acordo com a autora, a FPN contribuiu para difundir teses nacionalistas, reformistas e desenvolvimentistas em um tempo em que “ a questão nacional era considerada por expressivos setores da sociedade brasileira fator inequívoco de desenvolvimento econômico e social”(DELGADO, 2007, p. 373).

Podemos entender dessa forma que a questão do nacionalismo foi fundamental para o auge do trabalhismo nesse período, principalmente no que diz respeito à defesa das instituições brasileiras. Brizola foi um dos principais defensores desse nacionalismo e da proteção do patrimônio estatal, acreditando nas reformas como meio de promover justiça social.

Ronaldo Vainfas entende que Brizola, ao voltar do exílio, teria “amadurecido convicções” nacionalistas, ao propor reconstruir um partido trabalhista no Brasil. Embora tenha levantado à bandeira de defesa das minorias, situando-se à esquerda do espectro político, o novo partido se caracterizava como um partido de massas, e não um representante da classe operária, o que o afastava das ideias marxistas (VAINFAS, 2007, p.493).

Como dito anteriormente, a união do “antigo com o novo” foi base para a criação do novo partido. Manteve-se apegado nas ideias de “reassumir um papel renovador”, e da inspiração da carta-testamento de Getúlio Vargas, ao mesmo tempo em que abria espaço para os “desprivilegiados em geral, os miseráveis do campo e das cidades, os oprimidos de todas as formas” (VAINFAS, 2007, p.493).

Depois de eleito em 1982, Brizola assumiu um estado com diversos problemas, sobretudo na área de segurança pública. Após o seu governo, tentou eleger seu vice, Darcy Ribeiro, em 1986, sem sucesso. Em 1989, viu a chance de disputar um segundo turno para presidente da República com Fernando Collor de Melo escapar por pouco, e a partir de então, apesar de eleger-se novamente governador do Rio de Janeiro em 1990, não conseguiu retomar seu prestígio político, vindo a falecer em 2004 sem alcançar seu principal objetivo após o retorno do exílio: chegar ao poder federal.

Considerações finais

Após o retorno de Brizola em 1979, o jornal *O Globo*, que permaneceu favorável ao regime militar por praticamente toda a sua duração, travou um processo de desconstrução de sua imagem a partir de notícias, manchetes e reportagens que continham críticas ao ex-governador. Como visto, Brizola retornou em setembro de 1979 e logo buscou reconstruir o PTB. Em uma estratégia do governo, Ivete Vargas conseguiu a sigla e obrigou-o a criar o PDT. Com o novo partido, Brizola lançou-se como candidato ao governo do Rio de Janeiro em 1982, e depois de ocupar a quarta posição nas pesquisas de opinião, conseguiu eleger-se governador, derrotando as poderosas máquinas políticas do PDS e do PMDB.

Para termos condições de entender o enfrentamento a Brizola, precisamos pensar o jornal *O Globo* inserido em um contexto amplo, um projeto que visava diminuir o poder do estado na economia, diminuir o direito às greves trabalhistas, incentivar a entrada do capital estrangeiro e às privatizações. Além da posição política de defesa ao regime militar, o jornal possuía uma posição econômica que era oposta àquela defendida por Leonel Brizola, um nacionalista defensor de bandeiras como reforma agrária, defesa do patrimônio brasileiro frente a potências internacionais e controle do Estado na economia.

O jornal seguia uma linha conservadora, contrária a reformas econômicas que propunham a distribuição de renda. Por isso optava por defender candidatos com uma linha política que não gerasse alterações no sistema econômico. Na análise de discurso do jornal, identificamos as estratégias de desqualificação, a mentira na cena pública, as formas de manipulação, da conquista da opinião pública, entre outras.

Com essa metodologia, baseada na reflexão teórica de Patrick Charaudeau, foi possível perceber como o jornal construiu um discurso que, de diversas formas, buscava induzir ao eleitor o erro que seria o voto em Brizola. Com a análise, em que identificamos a intencionalidade de O Globo, seja na estruturação das matérias, seja na linguagem utilizada, afirmamos que o discurso midiático por muitas vezes não retrata a realidade, pelo contrário, ele é construído a partir de uma série de fatores que influenciam a sua posição.

Pela sua linha nacionalista, que também defendia reformas no sistema econômico, e pela sua capacidade de reunir multidões a partir de seu carisma, Brizola mostrou que possuía visões políticas diferentes das defendidas pelo jornal²⁸⁹. O Globo reconhecia que Brizola ainda possuía força política, e, portanto, adotou uma linha de desqualificação ao ex-governador.

Contudo, a vitória de Brizola em 1982 surpreendeu e demonstrou a capacidade do projeto brizolista, que incluía o nacionalismo reformista, retomando o legado do PTB de Getúlio Vargas e João Goulart, ao mesmo tempo em que trazia a novidade da social-democracia, principalmente na questão das minorias. *O Globo*, que possuía visões políticas e econômicas contrárias às defendidas por Brizola, travou um processo de desconstrução do ex-governador, que se estendeu durante o seu governo no Rio de Janeiro e por praticamente toda a sua vida política.

Referências Bibliográficas

- ARÊAS, João Braga. Batalhas de O Globo (1989-2002): O neoliberalismo em questão. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.
- BANDEIRA, Moniz. Brizola e o trabalhismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- BRIGAGÃO, Clóvis; RIBEIRO, Trajano. Brizola. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- CHACON, Vamireh. História dos partidos brasileiros: discurso e práxis dos seus programas. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- CHARTIER, Roger. Defesa e Ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

CHAUVEAU, A; TÉTARD, Ph (orgs.). Questões para a história do presente. Bauru: Edusc, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. Discurso das Mídias. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. Discurso Político. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Nacionalismo como projeto de nação: a Frente Parlamentar Nacionalista (1956-1964). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil; v.2).

FERREIRA, Jorge; FREIRE, Américo. A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. As esquerdas no Brasil: Revolução e Democracia (1964...). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Jorge, João Goulart: uma biografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Coord.). O Brasil republicano. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. 4 v.

FERREIRA, Jorge(org.). O populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FREIRE, Américo; MOTTA, Marly; SARMENTO, Carlos. A política carioca em quatro tempos. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

FREIRE, Américo. O fio da História: Leonel Brizola e a renovação da tradição trabalhista no Brasil contemporâneo (1980-1990).In: FERREIRA, Jorge; FREIRE, Américo. A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Ângela Maria de Castro. A invenção do trabalhismo. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GONÇALVES, Leandro Pereira. MARQUES, Teresa Cristina Scheneider. A fundação do Partido Democrático Trabalhista no exílio. Civitas, Porto Alegre, v.16, n.3, p. 339-416, jul-set.2016, p.402.

HERZ, Daniel, A História secreta da Rede Globo, Porto Alegre, TCHÊ, 1987.

KUHN, Dione. Brizola: da legalidade ao exílio. Porto Alegre: RBS, 2004.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos, e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SENTO-SÉ, João Trajano. Brizolismo: estetização da política e carisma. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1999.

_____. Um encontro em Lisboa. O novo trabalhismo do PDT. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Coord). Revolução e democracia (1964--). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil, v.3).
Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. *A luz própria de Leonel Brizola: do trabalhismo getulista ao socialismo moreno*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Coord). *Revolução e democracia (1964-)*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil ; 3).